

POESIAS

ALBUM DE LEMBRANÇAS XXX



**Coro da Associação
é de Góis um novo evento
com força no coração
p'ra á terra dar mais alento!**

Clarisse Barata Sanches

CLARISSE BARATA SANCHES

GÓIS – PORTUGA



Clarisse Barata Sanches
Poeta

O DESUMANO FRACASSO DA JUSTIÇA

HOJE CONTAMOS 20 ANOS DE INCOMPETÊNCIA DA JUSTIÇA

Por Pedro Tadeu: do jornal 24 horas de 4 de Maio de 2009

O maior problema de Portugal é a incompetência da Justiça. Os casos que fazem uma das peças principais das 24 horas de hoje provam-no: ali falamos do que aconteceu com cinco suspeitos mediáticos: Torres Couto, Costa Freira, Carlos Melancia, Zezé Beleza e Pedro Caldeira. Todos eles, graças ao habitual mecanismo que liga fontes de investigações judiciais á comunicação social, foram condenados por leitores e telespetadores por suposto envolvimento em fraudes ou em outros atos ilegais. Todos eles tiveram de fugir da vida pública o que significou amputação ou mesmo destruição das suas carreiras profissionais, Todos eles sofreram na vida privada a desconfiança dos amigos e colegas, o fim de casamentos ou a vergonha dos filhos. Houve quem esperasse 20 anos por uma decisão de inocência. Outros ainda lutam em tribunal. Outros viram os seus prescreverem. Alguns, se calhar, serão mesmos culpados mas safaram-se, Outros, se calhar, são mesmo inocentes mas tramaram-se. Nas duas situações a justiça foi desumanamente incompetente e deixou para o país uma dúvida eterna e reputação destas pessoas. Isto foi há décadas. E entretanto, as coisas pioraram.

.....

O DINHEIRO (SEU PROBLEMA)

**Quando não temos dinheiro,
Mais pensamos no lazer.
Vamos logo a um banqueiro
P'ra saber como fazer?**

**Juros, logo aconselhados,
vêm as dores de cabeça.
Ficamos atrapalhados,
Sem ter quem se compadeça.**

**Casa p'ra nos albergar
E um carro para passeio,
Dinheiro para gastar,
Ficamos sem remedeio.**

**É isto que a vida exige
Nos tempos em que vivemos.
Quem não tem tudo, se aflige...
Portanto, todos sofremos.**

Clarisse B. Sanches

O EMIGRANTE



**Por a terra andar à nora...
E não poder ser feliz,
Triste é ir p'lo mundo fora
Dar força a outro País!...**

**Meu Portugal marinheiro
Se vives em recessão,
Com Fé guia o timoneiro,
Numa feliz direção.**

C.B.S.

**Assim começa a luta pela vida:
Sonhos de amor e de maior sucesso...
Mas na cidade é sempre a mesma lida,
Somos todos escravos do progresso!**

Jessé de Almeida

GLOSA

**“Assim começa a luta pela vida:”
De quem não tem emprego, por inteiro,
Fazendo triste a sua despedida,
A fim de ir radicar-se no estrangeiro.**

**Leva no coração de português
“ Sonhos de amor e de maior sucesso...”
Deixando cá na terra a timidez
Pra na Escola do mundo dar ingresso.**

**Arranja um companheiro na partida,
Porque ao desconhecido mal se ajusta.
“Mas na cidade, é sempre a mesma lida,”
Cada qual sobrevive à sua custa.**

**Depois vem a saudade, a nostalgia!
Mágica na família e no regresso;
Num futuro feliz, porque hoje em dia
“Somos todos escravos do progresso!”**

Clarisse Barata Sanches – Góis – Portugal



11 / 02/2009

Clarisse Barata Sanches - O FADO

Meu Exmº Amigo Sr. Prof. João Alves das Neves e estimado conterrâneo. Habitualmente costumo ler este Blog Paz e surpreendeu-me, há dias, ve-lo aqui como colaborador. Seja Bem-Vindo para nos dar a satisfação como distinto de podermos ler mais dos seus prestimosos trabalhos, sempre interessantes e variados. Como hoje este artigo é dedicado ao fado “Canção Nacional”, típica do sentimento português e meu estilo de música preferida, queria dizer que sou uma grande apologista do Fado, mas do fado bem cantado...Tenho até uma coleção de livros que comprei para saber mais coisas dele: E que são os seguintes: além de outros de guitarras. “Fado de Coimbra” 2 vol. Por José Niza
“Histórias do Fado” po Maria Guinor – Rúbem Carvalho e José Manuel Osório
“Um Século de Fado” por Dúbem Carvalho
“Fado Falado” de Baptista Bastos

Sendo assim fica bem deixar aqui um texto de sabor poético: ou seja o meu soneto “Fado: Canção da Alma”, inserido no meu livro “Rosários de Amor”, que bem conhece. O meu abraço e as minhas lembranças para a sua Exmª Esposa Senhora D. Idalina.

FADO: CANÇÃO DA ALMA

**Fado: canção da alma fervorosa.
Lembras um passarinho que, a preceito,
Encanta, comovido, a linda rosa
Com o seu trinar suave e doce efeito!**



**O fado ilustra a vida luminosa
Do artista que faz dele amor perfeito,
Prima em moldar a voz maravilhosa
Que Deus lhe pôs na alma, por conceito..**

**Fado: canção magoada dos poetas
Que escrevem suas letras tão afetas
De mágoa, sentimento e de beleza!**

**Se Amália correu mundos a cantar
O Fado, hoje é Marisa a propagar
A mais terna balada portuguesa!**

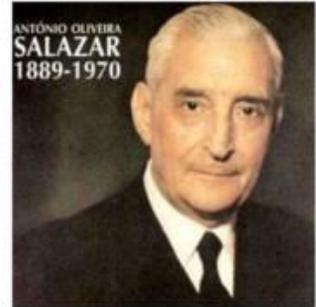


Clarisse Barata Sanches – Góis- Portugal

QUEM SERÀ O GRANDE PORTUGUÊS DE SEMPRE?

**Portugal estará empobrecido
De gente valorosa e humanista?
Quatro séculos, talvez, sem ter nascido
Um grande português, segundo a lista!?!...**

**De cem, e para escolha finalista
Estão já dez de nome conhecido.
Falta saber quem é o “recordista”...
E o grande português, quem terá sido!**



**Mulher nenhuma foi a consagrada
P'ra ser deste país a jubilada;
Mas, até, houve santas com brasões!**

**Pela honra que deu a Portugal,
E ter sido um Poeta genial,
Selecionei Luís Vaz de Camões.**



(Góis, Fevereiro de 2007)

Nota recente: Este Concurso – passatempo da RTP veio a ser conhecido na noite de 25 de Março, dando o 1º lugar a António Oliveira Salazar, o que parece revelar algum descontentamento da política e deseducação da atual sociedade. Luís de Camões ficou em 5º lugar. Talvez, porque a boa poesia não estará ao alcance e gosto de muitos portugueses. Mas é ele – Camões – que ainda está a dar a conhecer ao mundo, com mais evidência – Portugal. D. Afonso Henriques também seria um dos meus escolhidos.



P.S. Não me lembrando bem, fui ao Google e extrai este texto, em baixo, para melhor informação dos leitores C.B.S.

O ditador acabou por ganhar a votação promovida pela RTP DR

Nem D. Afonso Henriques, nem D. João II, nem Camões, nem me Mesmo o Infante D. Henrique. António de Oliveira Salazar foi o nome escolhido pela maioria dos telespetadores da RTP1 que votaram na eleição do "maior português de sempre", no âmbito do programa "Os Grandes Portugueses".

No segundo lugar ficou o líder comunista Álvaro Cunhal e o terceiro mais votado foi o cônsul português Aristides de Sousa Mendes.

D. Afonso Henriques e Luís Vaz de Camões acabaram por ocupar Os quarto e quinto lugares, respetivamente.

No estudo de opinião elaborado pela Euro sondagem para a RTP, publicado no site da estação pública, D. Afonso Henriques, Luís Vaz de Camões e o Infante D. Henrique são os nomes mais repetidos em resposta à pergunta "Da lista de 10 finalistas do concurso da RTP 'Grandes Portugueses, qual é o maior Português de sempre?"

O programa "Grandes Portugueses", um modelo original da BBC, já foi realizado em vários países. Em França foi eleito Charles De Gaulle, em Inglaterra Winston Churchill e nos Estados Unidos Ronald Reagan.

Clarisse B. Sanches

D. Afonso Henriques e Luís Vaz de Camões acabaram por ocupar Os quarto e quinto lugares. respetivamente

O INVERNO EM GÓIS.



*O Inverno cobre minha cabeça,
Mas uma eterna primavera
Vive em meu coração.*

Victor Hugo



**(Com carinho à CLARISSE
Para que passe muitos Invernos
Em GOIS:**

SENHORA:

**Inverno, só tu lembras a tristeza,
Só trazes desconforto e frialdade!
Mas, mesmo nessa tua inferioridade,
Às vezes tens assomos de grandeza!**

**Vestindo de noivado a Natureza,
Num quadro que não tem rivalidade,
Atinges a maior grandiosidade,
Mostrando como sabes ter beleza!**

**Se fazes, docemente, uivar o vento,
Entrando pelas frinchas das janelas,
Convidas-me a sonhar, em pensamento!...**

**E vejo os meus cabelos que embranquecem...
As rugas enfeitando as faces belas...
E muitas ilusões...que nunca esquecem!...**

Nelson Fontes Carvalho

AMORA / Belverde

Gostei muito deste soneto: Obrigada: Clarisse Sanches.



O LAGO DOS CISNES



**Que lindo par de noivos! Vejam bem!
Ela uma jornalista interessante.
Catarina, da Várzea, que já tem
O seu Miguel Fernandes, doravante.**

**Quase a casar no mês do São João,
A notícia foi ela quem a fez...
A sorrir-lhe de festa o coração,
Por lhe chegar agora a sua vez...**



**O Varzeense anota para a história
O enlace que Deus abençoou
Para sempre gravado na memória!**

**Que seja longo e Santo de verdade,
E se cumpra real... Como ficou
Na alma a suspirar felicidade!**

[1] O cisne representa a fidelidade porque tem uma só parceira durante toda a existência. Uma vez perdida a companheira, a ave afasta-se do seu bando de origem e morre solitária.

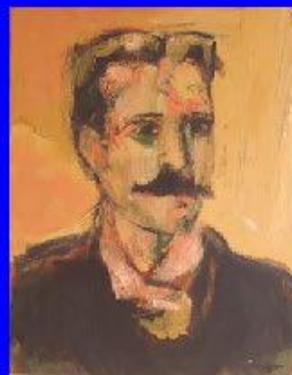
Clarisse Barata Sanches

O LENÇO BORDADO



**Alvo da cor da açucena
Tem um ramo em cada canto;
Os ramos dizem saudade,
Por isso lhe quero tanto.**

J. Simões Dias



G L O S A

**“Alvo da cor da açucena”
O lenço que tu me deste,
Faz-me lembrar terna cena,
Quando ao meu peito o puseste!...**



**Esse lencinho bordado,
“Tem um ramo em cada canto”
E é para mim tão sagrado
Como a relíquia dum santo!**



**Já decifrei, na verdade,
O que gravaste a primor:
“Os ramos dizem saudade”
E as flores dizem amor!**

**A minha jóia mais linda
é esse lenço, portanto,
Que tem dois nomes, ainda...
“Por isso lhe quero tanto!”**



Clarisse Barata Sanches – Góis – Portugal

O MÁRIO

Numa quarta-feira, do mês de Fevereiro, já há alguns anos, chovia água se Deus a dava... Como havia combinado, com a minha amiga Maria, fomos as duas a casa do Mário. Mas quem é o Mário, perguntarão? O Mário é um “rapaz” solteiro que anda à roda dos sessenta anos, mas, com aparência de mais.

Sua mãe, já idosa, com uma simples reforma da Segurança Social, partira há pouco tempo uma perna e, quando saiu do Hospital Distrital, foi recolhida no Lar da Terceira Idade. Deveria ir recuperar no Hospital da Vila, que está reconstruído, mas são apenas 12 camas e quase nunca tem vagas. Estes pequenos Hospitais concehios dão muito jeito a quem não tem quem os trate convenientemente em casa e precisam de convalescer. Efetivamente, deviam ser apetrechados de muito mais camas, afim de aliviar a falta de vagas nos Hospitais Centrais, que estão sempre superlotados.

Por este motivo, muitos Lares de idosos estão a abarrotar de pessoas doentes, que deveriam estar hospitalizadas. Consta ainda que, para hoje se entrar para um Lar da Vila, é preciso uma “carta de influência”. Ou melhor, uma cunha, como se costuma dizer. A carência é tanta, que, ainda, há pouco tempo um cavalheiro ofereceu um donativo de dez mil Euros, para internar a sua mãe num Lar, e não conseguiu efetivar o seu intento. Hoje, mesmo, na província há Lares onde já se paga muito dinheiro, o que impossibilita o ingresso ali de quem precisa que o ajudem a ultimar os dias que lhe restam de vida.

Equantas vezes abandonados pela família. Infelizmente está a usar-me muito disso.

Mas, vamos à história que se segue:

O Mário, de língua um pouco presa e com um certo atraso mental, certamente não frequentou a Escola Primária, apesar de a ter tido situada, mesmo, em frente da sua modesta moradia. O pai foi um comediante de circo, que passou um dia nesta terra e casou com a mãe. Por aqui ficou até que Deus o chamou a Si. O Mário nem para dar umas cambalhotas tinha habilidade. Contudo, é conhecido na terra por palhaço...

O Mário, que gosta de animais, passa parte do seu tempo a guardar um grande rebanho de cabras, que são a razão da sua vida. Todavia, preocupa-se muito, se alguma adocece. Há dias, vi-o muito triste, quase a chorar, na Farmácia, adquirindo um remédio para uma delas, que estava mal numa perna.

Nessa altura, disse-me, coitado, que as cabras davam muito leite e que tinha muita pena de não saber fazer queijo para servir de conduto com o pão.

A minha amiga já conhecia a casa do Mário, mas eu não. Ao entrar naquela esplanca fiquei estupefacta com as misérias que por ali se viam à frente dos nossos olhos... Mais parecia uma pocilga de animais, do que um lar de gente humana. Um odor desagradável vinha do curral, por baixo, que, segundo nos contaram, incomoda a vizinhança. Mas, ele, infelizmente, não tem outro sítio onde pôr as cabrinhas! Depois arranjam-lhe um sítio mais cómodo.

A velha enxerga com três ou quatro cobertores muito sujos, estava desfeita... roupas aos montões que, grande parte, levamos ao contentor do lixo. Havia ainda roupas velhas de um seu irmão, que Deus lá tem no Céu e era também doente.

Em cima do velho fogão a lenha, uma cafeteira negra... Pareceu-nos que ele pouco mais come, do que café com leite e pão. Queríamos dar uma arrumação ao case-

bre, mas não sabíamos por onde começar... Para tirar as teias de aranha, que eram muitas e estavam a cair-lhe na cama, não achamos vassoura capaz... Depois, servi-mo-nos duma de moitas que lá encontrámos.

Precisamente nessa hora, ele andava no campo debaixo de chuva torrencial a guardar o gado caprino. Até se esqueceu de levar o casaco de oleado que lhe deram para as intempéries do tempo...

E as cabrinhas, coitadas, que poderiam comer elas com tanta água a cair-lhes em cima?... Ah, como os animais sofrem também! Sim, porque ele não tem nada que lhes dar no tempo de invernía. Quer chova ou faça sol, tem de sair com elas por esses campos e serra fora. Constantemente ouve repreensões de pessoas, queixando-se que ele não vigiou bem a cabrada e deram prejuízos, comendo nos renovos das fazendas. Como são muitas, tem de andar sempre a correr de um lado para o outro com a vara na mão. Que infeliz!

Tem dois cães vadios, que acarinhou e andam sempre com ele. E são eles, o Tico e o Reque, que, muitas vezes o ajudam a virar o gado.

Quanto à nossa tarefa, eu e a Maria não pudemos termina-la... pelo que saímos dali com tenção de voltarmos, para darmos mais um arranjo àquela pobre e desorganizada habitação.

Certamente o Mário, as suas cabrinhas, os dois cães e três galos que possui, também passam fome. A Assistência local já lhe mandou compor o telhado da casa e edificar uma cozinha que serve de dormitório dos galos...

O fogão onde cozinha alguma coisa, com a lenha que apanha pelos caminhos da serra, vale de aquecimento e está perto da cama, tornando-se muito perigoso. Felizmente, que já lhe tiramos de casa cerca de cem quilos de roupas velhas que lhe têm dado.

Temos de olhar para estas situações calamitosas. É um nosso irmão que sofre. Há quem diga que o Mário às vezes é “mauzito”... Mas, numa sociedade egoísta, como a nossa, e ante o ambiente de miséria e solidão que o rodeia, como poderá conformar-se e manter uma boa disposição?

Sabemos que espera uma pensão social, que tarda em chegar.

Hoje, mesmo, constou – nos que a mãe do Mário, movida pelo amor que dedica ao seu filho e pela ânsia da liberdade, fugiu do Lar amparada a um pau!...

Agora, vivem estes dois seres, já idosos, numa casa sem condições nenhuma de higiene, e num estado penoso de miséria, até que Deus se digne chama-los à sua presença, para os compensar dos martírios que passaram no mundo.

Infelizmente, ainda hoje, há mais Mários por esse mundo além. De quando em vez a Televisão mostra-os no ecrã e exemplifica-os com todos os pormenores.

Que mundo este, meu Deus! Mas porquê, desigualdades tão gritantes na nossa Sociedade?... Estamos hoje em 2013 e o Mário está no Lar de Idosos e sua mãe já morreu há anos. Há cerca de 2 ou 3anos fui a um almoço ao Lar e ele por acaso ficou ao pé de mim. Noutro tempo ainda apanhou muito azeitona para nós. Agora já não há quem apanhe nada. Por lá ficam nas oliveiras. Como não havíamos de estar falidos...

C.B.S



O MARQUÊS 1º E SUA ORIGEM...

**Sua mãe era Princesa.
Seu dono chamava-se Anjo:
Eis um gato: sua alteza,
E manso como um Arcanjo!**



**Palácio a dona também,
Manos tinha dois ou três.
Tão nobre, ficava bem
Pôr-lhe o nome de Marquês!**

**Cinza, da cor do borralho,
Mas tem outros requisitos,
Obedece se lhe ralho
E tem os olhos bonitos!**

**Gosta muito da Judite,
Quer sempre andar atrás dela;
Que ela saia, não admite
E vai miar à janela!**

**Não lhe faz mal o Piloto,
Mas ergue o pelo ao maltês...
Para fazer-se maroto
E dizer-lhe que é Marquês!**

Clarisse Barata Sanches

**Para a Judite Raquel, desejando-lhe
boas férias em Viana do Castelo, onde
se encontra presentemente. C.B.S.**



O MELHOR AMIGO



**Procuo um Amigo que seja importante,
Sem ter “importâncias”, e sem poderio...
Sem olhos de engano, sem ar intrigante
E um ser que não seja de peito vazio!...**

**Busquei um Amigo de olhar cativante,
Que fosse um Cristão verdadeiro e sadio;
Amigo discreto, leal e constante,
Mostrando humildade que muito aprecio!**

**Passei Continentes, sonhei acordada
E Amigos capazes não vi pela estrada
A darem-me forças e ânimos seus!**

**Só mal entendidos! Pobrezas de Amor!
Tudo isto me fez meditar que o melhor
Amigo do mundo, será sempre Deus!**

Clarisse Barata Sanches



O MELHOR JORNALISTA



Ter hoje a profissão de jornalista
Requer, pra que se cumpra esta missão
Com muita dignidade e isenção,
Ter uma alma nobre e dinamista.

Terá de ir como quem vai à conquista
Dum facto que nos cause sensação,
Dum “teatro” de guerra, uma invenção,
Expor-se no perigo... ser cronista.

Terá que investigar, andar à coca
Duma notícia fresca que se evoca,
Para em primeira-mão se divulgar.

O melhor jornalista será quem
Alerta o mal, mas mais indaga o bem
Para servir de exemplo a propagar!...

Clarisse Barata Sanches – Góis – Portugal



O MELHOR LUGAR PARA VELHOS (UMA CRIANÇA DÁ - LHE UMA FLOR)



Por Humberto Pinho da Silva



Tornou-se uso e também necessidade, colocar os idosos em Lares. As casas são exíguas, têm poucas divisões, e o facto da mulher ter de trabalhar fora, não permite que os velhos terminem os derradeiros dias, no aconchego das casas dos filhos ou parentes próximos.

Todavia, nada pior que arrancar o idoso da sua casa, privá-lo dos seus móveis e objetos que o acompanharam ao longo dos anos, para colocá-los em ambiente estranho, apartados do bairros onde nasceram e foram criados.

“Menina e Moça”, de Bernardino Ribeiro (Cap1) assevera. *“Vivi ali tanto tempo quanto foi necessário para não poder viver em outra parte.”*

Como ela, o idoso afeiçoa-se ao lugar onde nasceu, à rua onde recorreu e meninice, ao sítio onde passou a juventude; se o separam, mesmo que o levem para instalações luxuosos, onde receba esmerados cuidados, sofre atrozmente. Por isso é que a maioria dos pais, mesmo enfermos, receiam deslocar-se para casa dos filhos.

Amigo meu, pai de várias filhas, enviuvou, e contra a vontade sua teve que recorrer à hospitalidade da caçula. Decorrida semanas confessou-me desolado: *“A casa dos meus pais é a dos filhos; mas, a dos filhos não é a dos pais.”*

E explicou:

“Trata-me com muito carinho e sei que fica feliz se me vê alegre; mas... mas só me sinto à vontade no meu pequeno quarto. Rodeado dos pouco objectos que trouxe. Perdi privacidade, perdi o direito de ser senhor de mim. Receio telefonar, Ligar a TV. De ler à noite, para que não digam que gasto muita electricidade. E prosseguiu:

Os filhos consideram que os pais têm obrigação de os sustentar. Mas quando chegamos a casa deles. Velhos e doentes, passamos a ser um estorvo, não só para eles. Mas igualmente para genros, noras e netos.

Certamente, é a razão, que quando desterrados do ambiente habitual, acabam por falecerem decorrido meses.

Há exceções, graças a Deus, mas a regra, penso, é essa.

O ideal seria o idoso ficar em sua casa com assistência domiciliária. Mas nem sempre é possível, nem o rendimento da maioria, permite tais mimos.

Solidão não é como se julga, estar só, mas sim desenraizado e ocioso.

A capacidade de adaptação, vai diminuindo com a idade: apartarem-se dos amigos e locais familiares, se o afastamento é forçado, é traumatizante e pode conduzir ao agravamento de enfermidades.

**Muitos parabéns pelo texto Amigo Humberto Pinho da Silva de V.N.de Gaia:
C.B.S.**

O MEU SAUDOSO ADEUS À ISABEL



Era praticamente minha vizinha a Isabel “Do Quarenta” apelido de seu marido já falecido há cerca de 20 anos. Primeiro, na Rua da Ponte enquanto o marido tratava da construção da sua moradia, depois na Urbanização da Lavra, onde agora vivia perto de mim.

Foi ainda funcionária da Câmara M. de Góis, mas começou a ficar doente psicologicamente, pelo que, de vez em quando, era internada no Hospital do Lorvão, para recuperação de crises. Talvez com saudades do seu marido que, na altura, trabalhava numa casa de mármore

e morreu de repente.

Na infância havia sido uma moça alegre e graciosa, filha do Sr. Julião Rodrigues, de Carcavelos, de família considerada e pessoa muito conhecida em Góis, Lembro-me ainda quando ela passava à minha porta de cabeleira farta, estilo “rabo-de-cavalo” a caminho da Escola. Tínhamos no Brasil os mesmos primos, entrelaçados por família de seu pai e eu de minha mãe.

Nunca se esquecia de me perguntar por eles. Há um tempo a esta parte arranjou um companheiro que parecia estima-la, manifestando-se muito desolado. Sempre que eu me cruzava com ela devolvia-me um sorriso, quando lhe perguntava se ia melhor de saúde.

Mas no dia 25 de Fevereiro, pela manhã saiu de casa na intenção de se ir atirar ao Rio Ceira. Disse ao companheiro que ia ao Centro de Saúde ver a tensão arterial, mas, sem que ele notasse, caminhou em direção ao Rio que a abraçou nas águas para sempre, deixando a vila mergulhada de consternação. Não obstante, uma senhora, que passava, ver um corpo a boiar nas águas, ir a correr chamar os Bombeiros, mas, já nada havia a fazer, infelizmente. A Isabel tinha 62 anos, mas parecia ter muito menos.

Que Deus lhe perdoe este ato impensado que ela parece, devido à sua depressão, já trazia na mente e o consumou, deixando um filho casado, a residir em Lisboa, quatro irmãs e três irmãos e vários sobrinhos e o companheiro triste, naturalmente. O seu funeral com missa de corpo presente, com muitas flores, foi uma grande manifestação de pesar e saudade. A Isabel ainda cá parecia bem. Mas o destino assim o quis.

Isabel, aceita o meu abraço bem cheinho de saudades. Na tua casa, agora, não mora ninguém e faz-me pena vê-la, assim, da minha janela. Ainda há pouco o nosso vizinho “Genito” Bandeira se foi e agora vais tu da mesma rua. Não mais vou esquecer o teu sorriso que fica gravado na minha alma para sempre.

Depois da tua saída do mundo o meu coração sofreu um novo abalo: a perda de um grande AMIGO o meu Piloto que me deixou mergulhada de Saudades e pranto. A Vida para mim está perdendo os seus encantos. Os afetos não se compram, não se vendem, nascem devido a retribuições de Amizade e carinho.

Clarisse Barata Sanches – Góis - Portugal

“ CÂNTICOS DA BEIRA E AZORIANA”

À minha boa Amiga Rosa Maria Silva, Distinta Poetisa e
Artista de informática Com muita estima e grata admiração.



**Criei um blog, “Prosa e Poesia”,
Modesto, mas de muita força humana...
Vestido com a “roupa da semana”...
Sem arte, sem efeitos como eu queria!**

**Pedi algo a Sicrano e a Sicrana...
Davam-me dicas... mas pouco valia,
Até que numa hora e belo dia
Surgiu-me um Anjo em terra Açoriana!**

**Poeta como eu, roubei-lhe rosas
Que tinha no seu Blog, tão Formosas
E daí fui atraída p’la “Rosinha”.**

**Descobri o seu E-mail, isso valeu,
Que após me conhecer, honra me deu:
E hoje do seu blog sou madrinha!...**

Clarisse Barata Sanches – Góis - Portugal

O MEU CASTELO



**Fiquei num ermo agreste, abandonada,
A chorar nos destroços, tristemente,
Os passos que perdi naquela estrada!...**

Maria Teresa Tavares Barata

**(Final do seu soneto "Rosas e Espinhos, publicado
Na revista Fémina em Dezembro de 1933.**

Glosa

**Sonhando, edifiquei o meu Castelo,
E no cimo dum monte fiz pousada...
Apesar do Palácio ser tão belo,
"Fiquei num ermo agreste, abandonada."**

**Das ameias sentia-me princesa,
Mas um dia ruiu... sinistramente!
E só me vi no chão da fortaleza,
"A chorar nos destroços, tristemente."**

**Subi, sonhei... fiz lá meu lar de Amor,
E se ouvia o cantar da passarada...
Hoje lamento bem, com pena e dor,
"Os passos que perdi naquela estrada!..."**

Clarisse Barata Sanches – Góis



O MEU CRISTO

**Pintado por um filho tenho um Cristo
Aos pés da cama, mesmo em frente a mim,
Todo em azul, um tom tão imprevisto
Que nunca imaginei um Cristo assim!**

João de Castro Nunes



Glosa

**“Pintado por um filho tenho um Cristo”
Diz Doutor Castro Nunes num livrinho.
Eu tenho também um, assaz benquisto,
Mas a perder a cor e já velhinho!**

**Era da minha mãe, mas como o seu
“Aos pés da cama, mesmo em frente a mim,”
Não está, mas foi o sítio que escolheu
Para o ter perto dela até ao fim...**

**Como o seu é diferente, pelo visto!
O meu tem uma cruz e não é não
“Todo em azul, um tom tão imprevisto”
Mas conforta bastante o coração!**

**Amava-o minha mãe, por que era antigo
E eu também gosto dele; é de marfim!
Tão belo! Tão Jesus e tão Amigo,
“Que nunca imaginei um Cristo assim!”**

Clarisse Barata Sanches – Góis - Portugal



O MEU DIÁRIO



**Eu nasci frágil, muito “bebezinho”.
Já tenho uma semana, estou contente!
Por ter a minha mãe e com carinho
A dar-me do seu leite, puro e quente**

**Fiz agora dois meses, todavia,
Separaram-me já da minha mãe
Que ficou sem um naco de alegria,
Quando me viu a ter de entrar no trem.**

**Tenho nova família, com crianças,
Que gostam de brincar; são amiguinhos
A puxarem meu rabo nas folganças,
Como sejam todos irmãozinhos.**

**Com três meses, aflito fiz chichi
Aonde durmo no hall da entrada;
Ralhou-me a minha dona, mas ali
Eu não vi o banheiro, não vi nada...**

**Contudo penso que gosta de mim,
Rapo na terra como antigamente
Faziam outros, lá pelo jardim,
Mas dizem que cresci rapidamente.**

**Hoje, fazendo um ano, sou adulto
E puseram-me o nome de “Contente”
Nome que até eu acho seja insulto.
Pois prenderam-me já numa corrente.**

**Quase não posso me mexer, assim,
Nem um raio de Sol vou apanhar
E dizem que irão pôr o olho em mim,
Se me atrevo a sair do meu lugar.**

**Dezasseis meses na varanda e só,
Esquecem-se de mim. Que triste sorte!
Às vezes passo fome, não há dó,
Sede e ao frio, vale mais a morte.**

**Ah, mas hoje senti - me satisfeito
Que até meu rabo se pôs a abanar...
Pensei que arrependidos do mal feito,
Eles iam levar-me a passear.**

**E lá fomos de carro pra “gozar”
E numa estrada fazem-me sair...
E eu alegre contente a saltitar,
Só vejo o carro a andar e a fugir...**



Atrás dele a correr e já cansado,
Dizia: - ai, que se esqueceram de mim.
Sem fôlego, triste e tão desanimado
Por um caminho fora, mas por fim

Tive que me deitar perto da estrada,
Onde havia uma Escola e eu notei
Crianças e rapazes à pedrada
Por tal, sem uma vista eu fiquei.

Eu queria andar, após ter descansado,
Mas a força que tinha me fugiu.
E por isso inda fui atropelado
E o condutor, patife, inda se riu.

Andei dias perdidos pela serra;
Uns diziam assim: - é cão vadio,
Que siga, então e já pra sua terra;
Outros: - coitado! Passa fome e frio!

Minhas patas traseiras já não vão
E já não sou capaz de me mexer.
Sinto-me mal, o pelo cai no chão,
Que até ninguém já gosta de me ver.

Inconsciente, já nem abro a vista,
Mas eu ouço a doçura duma fala
Que ao ver-me assim, e sendo moralista
Volve: - que desumanos! Isto me abala!

Senhor de bata branca toca em mim,
Dizendo: – nada mais há que fazer!
Ela quase a chorar, só diz assim:
Pobrezinho animal, terá que ser...

Olhei-a agradecido e me mexi
Por me ter ajudado a descansar...
Uma picada apenas eu senti,
E logo terminou o meu penar!

.....

**Ajude a consciência das pessoas
A não tratarem mal os animais.
Sejamos todos, sim, pessoas boas,
De aberto coração e racionais!**

**Cãezinhos e gatinhos não têm voz
Que seja clara e bem compreensiva;
Mas têm sentimentos como nós
E como a flor de nome sensitiva!...**



Clarisse Barata Sanches -Góis - Portugal

**O MEU GRATO ADEUS AO Sr. Dr. JOSÉ FARIA
que fora distinto médico em Góis**



**Ao ler triste notícia no Portal,
Emocionei-me muito nesta hora!
Eu perdi um Amigo excepcional,
Que mágoa no meu peito eu sinto agora!**

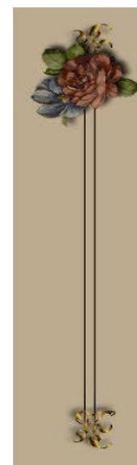
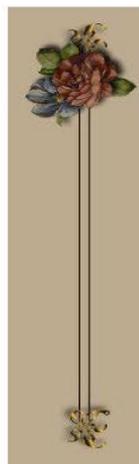
**Não era ele o médico usual,
Doutor José Faria, que surpresa!
Gostava de me ler, tão cordial
Sorria para mim com gentileza!**

**O meu coração treme por perder
Um médico amigo e de saber
Que o meu último livro já não leu!**

**Ficou mais pobre Góis, ruim doença
Que não deixou gozar-lhe a sua tensa,
Mas com ele ficou mais rico o Céu!**

**Peço me desculpe Dr. Faria, não fazer um
soneto como merece, mas foi feito de maneira
rápida e comovida.**

Clarisse Barata Sanches Góis -Portugal



Ó MEU QUERIDO TELEMÓVEL



**Com um “celular” nós temos na mão,
O mundo estreitinho, quase se não vê;
Mas ganha terreno, gozo o coração,
E neste aparelho toda a gente crê.**

**Ainda hoje, mesmo, e não foi em vão,
Eu fui descobrir que ele anda à mercê
Do saldo da crise e na evolução
Se podem ver lá imagens “Tê vê”.**



**Assim vamos todos nesta caminhada
E com alguns riscos desta nova estrada
O ama a pessoa seja nova ou velha.**

**Como ele na mão, navegamos na vida
E mesmo que seja de forma oprimida,
Toda a gente, agora, o põe na orelha!**



Rosa Silva Maria (Azoriana)

O MEU RELICÁRIO

**No meu Relicário há rosas sem fim,
Já murchas caídas, no tempo que passa,
Perderam seu âmbar, vestígios de graça,
Lembrando os pedaços que noivam meu fim.**

Glória Marreiros

GLOSA

**Para a distinta Poetisa Glória Marreiros
com toda a minha estima e apreço**

**No meu relicário há rosas sem fim,
É velho, mas inda me serve de “lua”...
Lembrança que tenho da avó para mim,
Quando era gaiata e brincava na rua.**

**Já murchas caídas no tempo que passa,
Eu olho pra elas e choro de pena
De vê-las, agora, já sem pura raça
E sem mal fazerem, o tempo as condena.**

**Perderam seu âmbar, vestígios de graça:
E diz minha avó lá no Céu: mas, então,
Tu não as estimas na sagrada taça
Aqueles “reliquias”, agora, no chão?...**

**Lembrando os pedaços que noivam meu fim
Caixinha sagrada de tanto valor!
Deliro e aceito: já não ‘stão assim
Tão lindas como eram refeitas de amor!**

Clarisse Barata Sanches – Góis - Portugal



Clarisse Barata Sanches

